DESTAQUES DO PORTAL A TARDE

Phil Noble / Reuters

Caso Epstein: filho da Rainha Elizabeth é liberado após 11 horas
atarde.com.br/mundo

Entenda lei que legitima Fibromialgia como deficiência
atarde.com.br/saude

www.atarde.com.br
71 3340-8991
(Cidadão Repórter)
71 99601-0020
(WhatsApp)

EDITORIAL Sete mares e um destino

A cada informe respaldado em fatos comprovados e dados confiáveis, a argumentação dos cientistas se fortalece em relação às ameaças à vida. Este é o caso emblemático dos recifes de corais, cujo processo de mortalidade alcançou oito de cada dez formações pesquisadas no período de 2014 a 2017.

Estes são os resultados mais recentes das pesquisas confrontadas por negacionistas, os quais chamam de alarmistas quem leva a sério a verdade. Os números, e a análise qualitativa deles, saíram este mês na revista científica Nature Communications, um guia internacional de pesquisas.

O trabalho competente pode-se dizer, além de exaustivo, irretocável, por cruzar 15 mil levantamentos obtidos por docentes e mergulhadores dos sete mares. Um golpe duro para o planeta, pois mais da metade dos recifes foi perdida pelo fenômeno chamado de branqueamento, produzido pela temperatura máxima.

O lamentável efeito letal atinge três de cada dez indivíduos habitantes dos oceanos, carregando consequentes adversidades

Não se trata de lamentar, especificamente, e em perspectiva romantizada, o fim dos outrora coloridos coletivos de espécies marinhas reunidas em condomínio. O lamentável efeito letal atinge três de cada dez indivíduos habitantes dos oceanos, carregando consequentes adversidades para a pesca e o turismo.

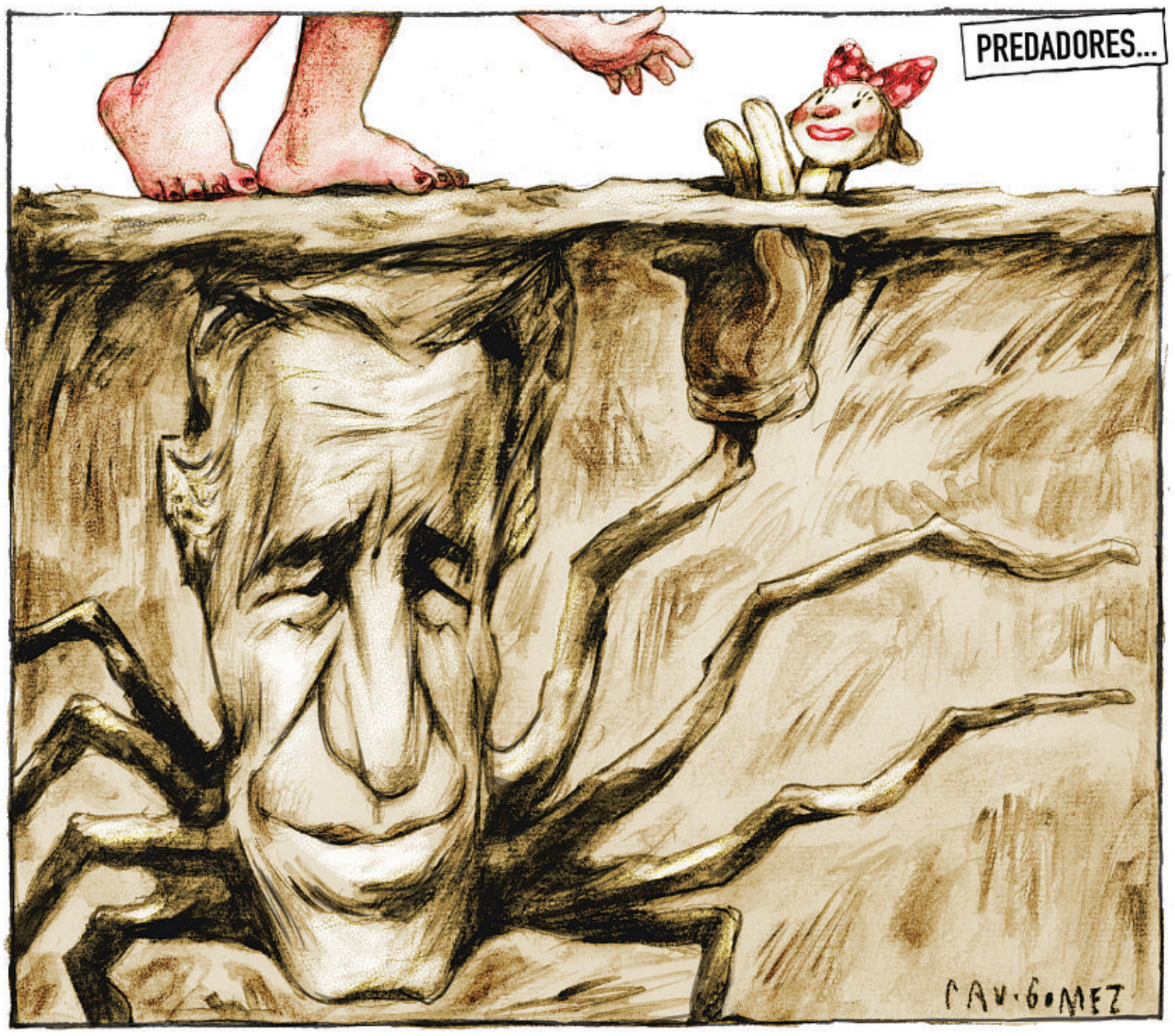
O aquecimento global rompe o equilíbrio ecológico entre corais e algas, as grandes fornecedoras da energia vital. Sem algas, os corais perdem a cor e a capacidade de crescer e se reproduzir, terminando por perecer vitimados pelo estresse térmico de maior intensidade.

O cenário conflituoso reduz a expectativa de maior resistência por conta da dificuldade de mobilização de recursos dos países diante de tamanho flagelo. Ao contrário de projeção animadora, não se precisa de arte divinatória, mesmo a dos oráculos délficos, no sentido de traçar a rota desastrosa para o mundo.

Prova inequívoca da marcha fúnebre dos oceanos é a atual hegemonia dos discursos inflados por rotunda ignorância, aspereza e preguiça moral. Ou se trabalha para evitar o apocalipse ou haverá choro e ranger de dentes.

CAU GOMEZ

As charges publicadas neste espaço expressam as opiniões de seus autores



Governar é dizer não

Armando Avena
Escritor, jornalista e economista, membro da Academia de Letras da Bahia – ALB
armandoavena@gmail.com

No Brasil disseminou-se a ideia de que governar é fazer obras. Desde que Washington Luís disse, nos anos 30, que governar é abrir estradas, a frase ficou no subconsciente dos políticos que chegam ao poder. Ficou também a ideia de realizar grandes obras que fiquem à vista da população e, por isso, aumentem a popularidade; ao contrário daquelas que não são visíveis, embora sejam fundamentais, como, por exemplo, obras de saneamento básico.

Na verdade, governar é, sim, construir estradas, ferrovias, portos e obras que facilitem o escoamento da produção e a mobilidade da população, mas não é apenas isso. Governar é também dizer não e estabelecer e manter limites.

Dizer não é um ato de governo. É não autorizar obras em áreas de proteção ambiental, negar licenciamentos que ameacem ecossistemas frágeis, impedir a verticalização predatória, barrar empreendimentos que pressionem a infraestrutura urbana, controlar gabaritos que desfiguram a paisagem e por aí vai.

Em Salvador, por exemplo, a Câmara de Vereadores está discutindo o PDDU, e esse debate é urgente. É urgente também discutir a ocupação urbana no Litoral Norte, na Ilha de Itaparica e em outras regiões.

Em uma cidade tão bela como Salvador, não se pode permitir a liberação indiscriminada de espigões na orla, sem estudos rigorosos de impacto de vizinhança e de sombreamento. Permitir alturas indiscriminadas em qualquer área, sem avaliar mobilidade, ventilação e drenagem, não é modernizar a cidade, é transferir para o futuro um passivo ambiental, paisagístico e social que depois não pode ser desfeito.

Além disso, não se pode permitir a construção de grandes obras de infraestrutura na orla, nem a liberação de estabelecimentos comerciais e de serviços em frente ao mar, que fazem de Salvador a única cidade do Brasil que tem, por exemplo, supermercados pé na areia. Além disso, Salvador é uma das cidades menos arborizadas do país, e cada fragmento de vegetação urbana removido significa mais calor, menos drenagem natural, mais pressão sobre um sistema já saturado.

O poder público, federal, estadual e municipal precisa compreender que governar é resistir à captura do interesse público pelo imediatismo econômico. A função do Estado é estabelecer regras de ocupação e proteger o patrimônio coletivo, natural, urbano, cultural e paisagístico. Precisamos de uma lei de uso do solo moderna, com regras que não permitam exceções. Governar é resistir à tentação do curto prazo. É compreender que o papel do Estado é, sim, viabilizar investimentos, mas fazer isso arbitrando o conflito entre o interesse econômico e o direito coletivo à cidade, à paisagem e ao meio ambiente equilibrado.

O governante que apenas autoriza agrada no presente, mas compromete o futuro. No nosso tempo, governar não é abrir estradas. Governar é definir onde elas não podem passar.

Do "arrebatamento" aos "neoconservadores em conserva"

Carlos Zacarias de Sena Júnior
Doutor em História, professor da UFBA
zacasenajr@uol.com.br

Tem sido cada vez mais comum o tema religioso gerar polêmica no Carnaval. À parte o comum de Escolas de Samba homenagearem elementos da cultura afro-brasileira, o inusitado é o alarido que isso tem provocado. Em 2022 a "Acadêmicos do Grande Rio" venceu o desfile carioca com o tema "Fala, Majeté! As Sete chaves de Exu", provocando a ira de setores protestantes. Dois anos depois foi Baby do Brasil, que deixando de lado seu brilho como uma das pioneiras do Carnaval baiano, falou em "arrebatamento" e "apocalipse" em plena avenida. Por último, a polêmica gira em torno da "Acadêmicos de Niterói", que levou à avenida uma homenagem ao presidente Lula, incluindo uma ala representando enlatados, chamada "Neoconservadores em conserva". Foi a deixa para reacionários atacarem a Escola de Samba e os setores progressistas.

Não é de hoje que o segmento evangélico é ator importante na vida política do país. Apesar da desaceleração no crescimento, estima-se que dentro de 10 ou 20 anos os evangélicos venham a se tornar majoritários no Brasil, superando os católicos, que até há algumas décadas pareciam imbatíveis. Por conta disso, não é incomum encontrarmos na teledramaturgia, na música e até mesmo no Carnaval personagens e indivíduos que compõem o universo dos "crentes" brasileiros, em sua pluralidade e variadas denominações.

Se os evangélicos passam a ser cada vez mais visíveis na cultura, na medida em que ocupam espaço na sociedade, é na política, entretanto, que parecem ser mais barulhentos. No Congresso esse setor forma a bancada da "Bíblia", que junto com as bancadas do "Boi" e da "Bala" performam o que de mais reacionário existe no parlamento. Obviamente que não se deve tomar os "evangélicos" como homogêneos, pois há muita diferença entre pastores-deputados como Henrique Vieira (PSOL-RJ) e Marco Feliciano (PL-SP), de modo que há diversos evangélicos que são progressistas. Não obstante, é impossível ignorar que parte expressiva desses cristãos foram capturados por ideologias extremistas na lógica do dominionismo, uma teologia cada vez mais influente entre os evangélicos brasileiros, como bem o demonstra o documentário "Apocalipse nos Trópicos" (2025), de Petra Costa.

Frente a esse fato, aqueles que não são evangélicos sentem-se cada vez mais desconfortáveis em uma sociedade em que a justa voz a quem precisa ser representado se reveste de ofensiva proselitista sobre os costumes e o comportamento alheio. Com efeito, não se pode ir às compras, transitar em transporte público ou estar em uma sala de espera de uma clínica sem ser obrigado a assistir pregação ou escutar canções de louvor.

Evangélicos, como católicos, candomblecistas, espíritas e ateus, merecem respeito e é a existência do Estado laico que assegura que todos possam existir e professar livremente sua fé ou a falta dela. Nesse terreno qualquer excesso pode significar violência e cerceamento.

A TARDE
Fundado em 15/10/1912

Presidente:
JOÃO DE MELLO LEITÃO

RELAÇÕES INSTITUCIONAIS: **Luciano Neves**
CONTROLLER: **Lucas Lago**
NÚCLEO DE IMPRESSOS
Direção: **Mariana Carneiro**
A TARDE e Massa!: **Luiz Lasserre**
NÚCLEO DIGITAL
Direção: **Caroline Gois**
Portais e Redes Sociais: **Rafael Sena**
COMERCIAL: **Marluce Barbosa**
PROJETOS ESPECIAIS/NOVOS PRODUTOS: **Tiago Décimo**
EDUCAÇÃO: **Andréa Silveira**
CEDOC: **Andreia Santana**
A TARDE FM
Direção: **Eduardo Dute**
Conteúdo: **Jefferson Beltrão**

ASSOCIADA À SIP - SOCIEDADE INTERAMERICANA DE IMPRENSA
MEMBRO FUNDADOR DA ANJ - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS
ASSOCIADA AO IVC - INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO
PREMIADA PELA SOCIETY FOR NEWS DESIGN

SEDE: RUA PROFESSOR MILTON CAYRES DE BRITO, N.º 204, CAMINHO DAS ÁRVORES, CEP: 41.820-570, SALVADOR/BA, **FALE COM A REDAÇÃO:** (71) 2886-2683; **SUGESTÃO DE PAUTA:** JORNALISMO@GRUPOATARDE.COM.BR.